

Carmen Soares
Maria do Céu Fialho
María Consuelo Alvarez Morán
Rosa María Iglesias Montiel
Coordenação



orma
& Transgressão

II

(Página deixada propositadamente em branco)

Ana Paula Arnaut

*Faculdade de Letras/Centro de Literatura Portuguesa
Universidade de Coimbra*

TRÊS HOMENS E UM LIVRO:
BOA NOITE, *SENHOR SOARES* DE MÁRIO CLÁUDIO

O sonho é a pior das cocaínas,
porque é a mais natural de todas.
Bernardo Soares (frag. 173.)

Naquela que julgamos ser a primeira abordagem pública à novela *Boa Noite, Senhor Soares*, Álvaro Manuel Machado solicita particular atenção para o facto de ela se encontrar prenunciada numa das crónicas de *O Eixo da Bússola* (2007). “Proustofilia” é o título desse texto e os “pequenos-nadas quotidianos, subitamente cristalizados na memória”, são a sua matéria-prima. Ou, se preferirmos, a apetência “para um sentido quase metafísico do pormenor enraizado num tempo e num espaço mitificados” é a sua grande característica¹. A esta nota o ensaísta acrescenta as palavras do próprio autor, para quem “Os proustofílicos (...) serão sempre celebrantes dos dias, curiosos do acaso, explicadores de lances (...)”².

Apesar de concordarmos inteiramente com a perspectiva apresentada, não podemos deixar de sublinhar que o gosto por este tipo de recriação, que faz do escritor um celebrante dos dias ou um curioso dos acasos, radica, seguramente, em narrativas um pouco mais antigas. É certo que, nestas, cujos títulos mencionaremos de seguida, o escritor-turista-investigador do

¹ A. M. Machado 2008: 16.

² Ibid.: 16 / M. Cláudio 2007: 115.

pormenor não manifesta, como na crónica citada, o seu proustofilismo em sentido restrito (isto é, directamente aplicado *ao mundo* de Marcel Proust). O entendimento que propomos ganha, todavia, os desejados contornos se entendermos o termo e o conceito em sentido lato, nele lendo percursos de pré-escrita conducentes a uma aturada e estimável investigação das vidas (e/ou dos projectos) que tem por objectivo re-escrever. Permitimo-nos, a propósito, registar um comentário que surge linhas depois da citação escolhida por Álvaro Manuel Machado:

a verdadeira proustofilia alimenta-se de uma labiríntica rede de relações, amiúde caladíssima, que constitui fundamento daquilo a que rigorosamente cabe a designação de «confraria». Os sumos iniciados reconhecem-se através de um gesto, ou de uma modulação da fala, sem que precisem de realizar o impensável neste caso, mas o imprevisível no âmbito das comuns paixões literárias, a declaração da sua indefectível fidelidade ao deus³.

Estes gestos e modulações de que fala Mário Cláudio a propósito do seu fascínio por Proust traduzem-se, entre tantas possibilidades, na visita “à reconstituição do quarto do nosso homem”, na admiração de objectos, na aspiração de um “perfume que borrifou a écharpe de Odette de Crécy”, ou na audição dos “passos dos sapatos de veludo da condessa de Guermantes”⁴. Numa extrapolação lógica, estes gestos e modulações encontram-se bem evidentes nas biografias romanceadas do pintor Amadeo de Souza Cardoso, da violoncelista Guilhermina Suggia ou da oleira Rosa Ramalho (*Amadeo*, *Guilhermina* e *Rosa* (1984, 1986, 1988⁵). O que passaremos a designar por método proustofílico ressalta, ainda, em *As Batalhas do Caia* (1995), romance em que Mário Cláudio recria os cerca de vinte últimos anos da vida de Eça de Queirós e reescreve um projecto deixado inacabado pelo autor de Oitocentos. Registamos, também, o título dado à estampa em 2006, *Camilo*

³ M. Cláudio: 116.

⁴ Ibid.: 117-118.

⁵ Estes romances foram posteriormente reunidos em *Trilogia da Mão* (Lisboa: Dom Quixote, 1993).

Broca, em cujas páginas se leva a bom termo um nunca consumado projecto de Camilo Castelo Branco (o de escrever a genealogia da sua família).

Não se estranhe, portanto, fazendo jus à referida proustofilia, ou método proustofílico, que o acaso – ou a curiosidade dele – tenha levado Mário Cláudio a escrever esta interessante e afectiva novela, romance, narrativa, ou, simplesmente, ficção-relato de um tempo e de um espaço sujeitos a recriações e a revisitações várias. Estas estendem-se por pessoas e amizades, amores e desamores, cenários e objectos, cheiros e cores. Em suma, um tempo e um espaço que, partindo embora de uma base real (a Lisboa de Pessoa), não podem deixar de ser identificados como uma ficção que, agora, se insere em outra ficção. Nesta quase verdade ganha particular relevo a recriação de pormenores e a tentativa de explicar os lances de parte da vida de uma personagem quase pessoa, ou melhor, quase Pessoa, Fernando. Uma pessoa/Pessoa que qualquer leitor mais ou menos interessado por Literatura facilmente identificará com o semi-heterónimo Bernardo Soares – aquele de quem o poeta modernista confessa ser ele “menos o raciocínio e a afectividade”; aquele cuja personalidade é “uma simples mutilação” da sua, como escreve na carta a Adolfo Casais Monteiro, datada de Janeiro de 1935; aquele, ainda, em quem o escritor pretende ver o próprio Pessoa⁶. Talvez não seja por acaso, então, que a determinado momento a personagem assinie às avessas, como se, desse modo, voltasse à sua máscara-cara primeira⁷.

Boa Noite, Senhor Soares é, portanto, desde logo, um jogo de ficções. E talvez não o seja apenas de ficções pessoanas. Por outras palavras, ele não acontece somente porque a ficção quase pessoa de Pessoa se torna personagem da narrativa de Mário Cláudio, ou porque ela convive com outros seres saídos da imaginação do autor.

O jogo desenvolve-se, ainda, de modo interessante, porque a esta(s) se aliam, em primeiro lugar, outras personagens já presentes no *Livro do Desassossego*. Referimo-nos ao Patrão Vasques, ao sócio capitalista ou aos

⁶ *Apud* P. D. de Almeida 2008: 154.

⁷ Cf. M. Cláudio 2008: 19.

empregados do escritório da Rua dos Douradores. Em segundo lugar, tal acontece porque nas páginas da narrativa o semi-heterónimo convive com outras pessoas de Pessoa, como Ricardo Reis (pp. 32, 57) ou Vicente Guedes (p. 42)⁸. Em terceiro lugar, numa nota que pode passar despercebida a alguns leitores, o jogo de ficções pode alargar-se à pontual inclusão de uma personagem como Tiago Veiga, num episódio em que António Felício – o narrador – comemora, com os companheiros de trabalho os seus dezoito anos (p. 38).

Sublinhamos a forma verbal ‘pode’, porque devemos ter em mente que Mário Cláudio insiste em afirmar a existência desta figura que Pedro Senalino chama “um muito ninguém”⁹. A verdade é que, enquanto não forem apresentados comprovativos da sua realidade, fica a possibilidade de continuarmos a vê-lo, a lê-lo, como uma máscara heteronímica do autor de *Boa Noite, Senhor Soares*. Seja como for, o aparecimento na narrativa deste poeta, de quem se disse ter sido “Amparado por Pessoa em suas primícias”¹⁰, e cujos sonetos italianos foram publicados e prefaciados pelo romancista em 2005, pode e deve ser lido, ainda, como um notável jogo de veridicção¹¹.

⁸ Fica por dilucidar a identidade das duas personagens que, a dada altura, são avistadas com o senhor Soares: “aproximavam-se de nós três personagens. A mais notória delas era o senhor Soares, caminhando ligeiramente curvo como sempre, e outro um cavalheiro estrangeirado, de monóculo, vestindo um bom fato de cheviote, e avançando com o passo travadinho dos que suscitam o piscar de olho dos moços de frete. Entre ambos marchava um jovem estivador, de cara enfarruscada, e de cabelo desgrenhado, de um louro muito baço, um Hércules que bem poderia servir de modelo a qualquer um desses escultores que trabalham por encomenda para os frontões, ou para as platibandas, dos grandes edifícios públicos” (p. 65). Ricardo Reis não pode ser o cavalheiro de monóculo porque, conhecido já do moço do escritório, seria identificado como tal (seria Pessoa, ele mesmo?); o “jovem estivador” – ou o que se parece como tal – não pode ser Campos, que era moreno. Louro era Alberto Caeiro mas a sua estatura era média e, além disso, já morrera em 1915 (o que, em todo o caso, tendo em conta a regra do jogo ficcional, não seria significativo).

⁹ P. S. Lino 2006: 22.

¹⁰ M. Cláudio 2005: 9.

¹¹ Segundo A. J. Greimas e J. Courtès (1982: 432) a transmissão da verdade depende de estratégias epistémicas usadas na cadeia de comunicação: “un creer verdad debe instalarse en los dos extremos del canal de la comunicación y a este equilibrio más o menos estable, a este entendimiento tácito de dos cómplices más o menos conscientes, lo denominamos contrato de veridicción o contrato enunciativo”.

Mas o que é, afinal, este *Boa Noite, Senhor Soares*? A ideia, como Mário Cláudio confessa em entrevistas a Isabel Lucas e a Pedro Dias de Almeida¹², surgiu da leitura de um dos fragmentos do *Livro do Desassossego* de Bernardo Soares. O fragmento em causa, que não resistimos a citar, relata a despedida do moço do escritório:

Foi-se hoje embora, diz-se que definitivamente, para a terra que é natal dele, o chamado moço do escritório, aquele mesmo homem que tenho estado habituado a considerar como parte desta casa humana, e, portanto, como parte de mim e do mundo que é meu. Foi-se hoje embora. No corredor, encontrando-nos casuais para a surpresa esperada da despedida, dei-lhe eu um abraço timidamente retribuído, e tive contra-alma bastante para não chorar, como em meu coração, desejavam sem mim meus olhos quentes.

Cada coisa que foi nossa, ainda que só pelos acidentes do convívio ou da visão, porque foi nossa se torna nós. O que se partiu hoje, pois, para uma terra galega que ignoro, não foi, para mim, o moço do escritório: foi uma parte vital, porque visual e humana, da substância da minha vida. Fui hoje diminuído. Já não sou bem o mesmo. O moço do escritório foi-se embora.

Tudo que se passa no onde vivemos é em nós que se passa. Tudo que cessa no que vemos é em nós que cessa. Tudo que foi, se o vimos quando era, é de nós que foi tirado quando se partiu. O moço do escritório foi-se embora.

É mais pesado, mais velho, menos voluntário que me sento à carteira alta e começo a continuação da escrita de ontem. Mas a vaga tragédia de hoje interrompe com meditações, que tenho que dominar à força, o processo automático da escrita como deve ser. Não tenho alma para trabalhar senão porque posso com uma inércia activa ser escravo de mim. O moço do escritório foi-se embora.

¹² I. Lucas 2008: 42 e P. D. de Almeida, ent. cit.: 154, respectivamente.

Sim, amanhã, ou outro dia, ou quando quer que soe para mim o sino sem som da morte ou da ida, eu também serei quem aqui já não está, copiadador antigo que vai ser arrumado no armário por baixo do vão da escada. Sim, amanhã, ou quando o Destino disser, terá fim o que fingiu em mim que fui eu. Irei para a terra natal? Não sei para onde irei. Hoje a tragédia é visível pela falta, sensível por não merecer que se sinta. Meu Deus, meu Deus, o moço do escritório foi-se embora¹³.

Todavia, e ao contrário do que podem sugerir os *espaços em branco* do fragmento em questão – os motivos da partida do moço do escritório para a aldeia e as suas implicações no estado de espírito de Bernardo Soares –, não cumprirá à máscara de Pessoa assumir a narrativa dos acontecimentos. Pelo contrário, a responsabilidade do relato caberá ao moço do escritório, cujo nome e retrato físico e psicológico a narrativa claudiana completa (alterando, aqui, como em outros momentos, as indicações facultadas pelo *Livro do Desassossego*): de António¹⁴ passa a António Felício, proveniente de Escalos de Cima, concelho de Idanha-a-Nova (pp. 11-12) e não de uma aldeia galega; de referência pontual passa a narrador da história, ou melhor, passa a responsável por uma história cujo protagonismo divide com o meio heterónimo e cuja responsabilidade narrativa – em mais um jogo, agora sobre a própria escrita – assumidamente delega num “autor mais ou menos respeitado”¹⁵ (assim transformando Mário Cláudio em *ghost writer*). Citamos o excerto em causa que, apesar de longo, em tudo nos interessa:

Por intermédio do amigo de um amigo meu, inteirado da ambição em que eu andava de contactar um profissional, a fim de que escrevesse ele o relato do meu convívio com o senhor Soares, consegui abordar um autor mais ou menos respeitado. Eu achava-me ao corrente do facto de que o

¹³ R. Zenith 2003: frag. 279.

¹⁴ R. Zenith 2003: frag. 130.

¹⁵ A mesma estratégia é utilizada em *Amadeo*.

homem possuía uma larga experiência em se aproveitar das histórias alheias, transformando-as em suas, e declarando, parece que se especializara nisso, que lhe haviam enviado uns papéis, e que não era ele, se bem se considerasse, o responsável pelas obras que paria. O fulano atendeu-me com cortesia, mas foi também muito directo. «Senhor Felício», disse ele, «é claro que não lhe cobro um tostão pela tarefa, mas quero avisá-lo do seguinte, aquilo que eu contar distinguir-se-á bastante daquilo que o senhor contaria.» E explicou-se, «Eu utilizo palavras que o senhor é capaz de ignorar, recuso-me a aplicar umas quantas daquelas que o senhor usa, cometo umas elegâncias que alguns acham excessivas, mas de que há quem goste, e acrescento por capricho vários po[z]inhos ao que para certas pessoas merecia um po[z]inho só.» E continuou, «A verdade é que nenhum de nós narra um enredo de maneira igual, nem o senhor, nem eu, nem seja quem for que tente decifrar o que nós redigimos.» E lançou-me este ultimatum, «Aqui tem as minhas condições, e é pegar, senhor Felício, ou largar.» (91-92)¹⁶.

E “atordoadado com semelhante discurso”, António Felício pegou. E para começarmos, ou continuarmos, a responder à interrogação sobre o que é que dali iria sair... Saiu, em primeiro lugar, um extraordinário texto que, ao preencher as vidas e o quotidiano dos empregados do escritório da Rua dos Douradores, apenas semi-contadas em *Livro do Desassossego*, permite pintar o retrato social e humano de uma Lisboa que oscila entre “um certo garridismo” e “uma certa depressão”¹⁷.

Neste âmbito se podem enquadrar as referências à devoção ao doutor Sousa Martins (p.16); as descrições das merendas “daqueles domingos nas hortas” com “a irmã Florinda”, o “cunhado Gomes, a menina deles, e a

¹⁶ A delegação da competência e da responsabilidade narrativa já se havia feito notar no seguinte comentário: “a vida de cada uma daquelas pessoas, conforme ao que sucede com a de toda a gente, a avaliar pelo que me explica o escritor a quem ando a contar estas coisas, servia para um romance” (p. 51).

¹⁷ *Apud* P. D. de Almeida 2008: 156.

mastronça da tia Celeste” (p. 30); a celebração dos 18 anos de António e a consequente ida “às putas” (pp. 35-41); ou o jantar dado pelo sócio capitalista, Alcino dos Santos Camacho, quando a filha atinge a maioridade. Nesta festa, à qual o senhor Soares não comparece, por andar “muito neurasténico”, deixa-se claro, ainda, que nem todos são iguais: todo o pessoal do escritório foi convidado, “mas apenas o patrão Vasques, e os senhores Moreira e Borges, é que participaram no banquete a sério”; António, “os caixeiros de praça, e mais o moço”, abancaram “a uma mesa de tábuas, armada no jardim das traseiras” (pp. 21-22).

A ideia de uma Lisboa triste cujo calor afugenta “das ruas os lisboetas, atirados para a penumbra dos seus quartos, a matutar no dia seguinte que seria de trabalho, igual aos da semana anterior, e da próxima” (p. 31), não se aplica, portanto, a todos. Mas aplica-se, com certeza, a António Felício, cuja permanência em casa da irmã e do cunhado se torna cada vez mais opressiva e deprimente. Leva-o este sentimento a encetar e a viver aventurosas viagens imaginárias (pp. 59, 68) – afinal as únicas permitidas a quem, como ele, não é rico – e, finalmente, depois da morte da irmã, a optar pelo regresso (não definitivo, porém) à aldeia (p. 88).

Em segundo lugar, saiu um livro que, em concomitância com o relato mais alargado da vida familiar de António Felício, entre 1932 e 1985, preenche, essencialmente, o jogo relacional e disfarçadamente afectivo entre este Bernardo Soares – aqui, não um “condenado à rotina de preencher com preços e quantias o Livro de Razão de um armazém de fazendas”¹⁸ mas um empregado elevado à categoria de tradutor e redactor de cartas (pp. 14, 18), sem horário fixo (p. 13), tal como o próprio Pessoa¹⁹.

Da teia de relações que gradualmente se vai consolidando, constrói-se uma figura de alguém que, apesar de ser visto como esquisito (p. 18), neurasténico (pp. 22, 71), ensimesmado (p. 29), estranho (p. 43), resignado e frágil (*passim*), não deixa, por isso, de suscitar em António Felício (como

¹⁸ R. Zenith 2003: 15.

¹⁹ Ibid.: 15.

em alguns dos outros funcionários) a maior admiração e o maior apreço. Tal acontece, sem dúvida, não apesar das características que acabamos de enumerar mas, justamente, por causa delas. No entanto, cremos que o fascínio exercido por Bernardo Soares pode também ser explicado por outros factores.

Decorre da sua humanidade afectiva: quando notamos a antipatia por Sérgio (p. 16 e *passim*); quando, num pólo diametralmente oposto, deixa a António, por exemplo, “sobre a secretária um barquinho de almaço pautado” com o nome deste no casco (p. 20); ou quando, ainda, no final, se despede do moço, num abraço com choro dentro (p. 89).

Advém da sua humanidade de homem que, apesar de poeta e, por isso, supostamente distante e diferente do comum dos mortais, não deixa de ter no mundo da sua casa um calendário em cuja gravura sobressai uma rapariga “de cabeça atirada para trás, e de decote que lhe deixava a nu metade das mamas, sorrindo sem vergonha debaixo do cacho de uvas que suspendia sobre os lábios vermelhos” (p. 78)²⁰. Relembremos, num outro exemplo afim, que fica por esclarecer a dúvida de António Felício sobre a presença do poeta e tradutor na Calçada do Combro, nas imediações da *casa de meninas* (p. 42).

O fascínio que Bernardo Soares exerce sobre António acontece, ainda, porque, na intimidade da casa, surge de “pés descalços, encafuados nuns chinelos”, apercebendo-se o moço do escritório “de que pelo buraco de um destes espreitava o dedo maior, de unha por aparar, uma unha dura e encardida como não se admitia, nem mesmo a um limpa-chaminés”. Não se pense, contudo, que o quase grotesco desta aparência destrói no jovem a admiração sentida. É exactamente o oposto que sucede. E a explicação encontrada, anos depois tida como afectivamente maluca, é

²⁰ Na página 19 já havia sido dito que o senhor Soares se punha a fitar, “com grande concentração”, “um calendário de 1931 que ninguém quisera tirar da parede”, acabando “por sorrir para aquela gravura da rapariga de lábios vermelhos, de fita rosa nos negros cabelos, de blusa de decote aberto, e a abraçar um molho de papoulas”.

prova disso: “É um sinal de Deus, é dali com toda a certeza que lhe nasce a sabedoria.» (p. 77).

Mas retornemos ao que saiu deste livro. Saiu, em terceiro lugar, fazendo prova de que cada um tem a sua maneira de narrar, a possibilidade de reconhecermos e certificarmos dois aspectos importantes e característicos do modo como Mário Cláudio procede ao registo de vidas. Por um lado, a prática de uma escrita que não tem que seguir, necessária e inevitavelmente, um fio linear, cronológico. Pelo contrário, a partir do capítulo IV, a narrativa é sujeita a constantes oscilações entre a recuperação do passado dos anos trinta e quarenta e o presente de 1985.

Por outro lado, o que ressalta é a apetência de Mário Cláudio para se imbuir do espírito das matérias e das pessoas que, de acordo com o método proustofílico, investiga e usa nos seus livros. Não se estranha, portanto, que a narrativa se não limite a preencher os vazios deixados pelo fragmento que deu azo a *Boa Noite, Senhor Soares*. Com efeito, vários momentos da história remetem para um profundo conhecimento, e harmoniosa incorporação, do Livro (intervalar) de Bernardo Soares. É o que sucede, por exemplo, com o registo da existência da pianista, vizinha do senhor Soares (pp. 75-76²¹).

Em concomitância, sobressai uma notável capacidade para se impregnar do espírito do estilo do artista de quem fala. Se, em *Amadeo*, por exemplo, o carácter ziguezagueante da escrita reproduz, em larga medida, os traços de certos quadros do pintor, em *Boa Noite, Senhor Soares* não é difícil encontrar excertos em que se torna possível observar a dinâmica de representação de Fernando Pessoa-Bernardo Soares. Um dos mais ilustrativos exemplos acontece no capítulo IV quando, no seu presente de 1985, ao mesmo tempo que “Lentamente desliz[a] para o sono” (p. 55), António – ou, melhor, o autor contratado em sua substituição – recorda o senhor Soares (Fernando Pessoa?) a passar “pela Rua Augusta, pela Rua da Prata,

²¹ Cf. R. Zenith 2003: frag. 266.

pela Rua dos Douradores, e pela Rua dos Fanqueiros, com as abas da gabardina desfraldadas ao vento que vem do Tejo” (pp. 53-54):

O senhor Soares percorre as áleas do Jardim da Estrela, o qual se estende como o fantasma de um parque antigo. E enquanto os cisnes deslizam no espelho de água o senhor Soares, contemplando-os com os olhos semifechados por detrás das lentes, magica numa quermesse em que participam columbinas e pierrots e arlequins. (...) E tudo se mistura na minha visão, não sei bem porquê, com um romance ancestral, em cujas linhas intervêm Hamlet e Ofélia, heróis do grande Shakespeare, que só conheço de ouvir falar. (...) O senhor Soares dissolve-se na luz do Jardim da Estrela, passeando a par da jovem que o esperava (...). E é então que principio a resvalar em definitivo para o sono, quando a claridade me entra já pelas frinchas da persiana, e o senhor Soares se dirige a um país muito distante que no meu torpor se chama «Mar Português». Atrás dele segue uma fosca multidão, e a primeira individualidade que nela distingo é aquele famoso doutor Reis (...) (pp. 56-57) (sublinhados nossos).

Se compararmos estas linhas com brevíssimos excertos do início de “Na Floresta do Alheamento”²², as semelhanças não passam despercebidas:

Sei que despertei e que ainda durmo. O meu corpo antigo, moído de eu viver, diz-me que é muito cedo ainda... Sinto-me febril de longe. Peso-me, não sei porquê...

Num torpor lúcido, pesadamente incorpóreo, estagno, entre o sono e a vigília, num sonho que é uma sombra de sonhar. Minha atenção bóia entre dois mundos (...).

Um vento de sombras sopra cinza de propósitos mortos sobre o que eu sou de desperto. (...)

²² Este fragmento constitui um dos Grandes Trechos do *Livro do Desassossego*, tendo sido inicialmente publicado (*A Águia*, 1913) com a assinatura de Fernando Pessoa e só posteriormente atribuído a Bernardo Soares.

Com uma lentidão confusa acalmo. Entorpeço-me. Bóio no ar, entre velar e dormir, e uma outra espécie de realidade surge, e eu em meio dela, não sei de que onde que não é este...²³ (sublinhados nossos).

Deixamos de lado a possibilidade de estabelecermos um paralelismo entre a “fosca multidão”, os heterónimos de Pessoa, que no texto de Mário Cláudio segue(m) Bernardo Soares, e o facto de “Na Floresta do Alheamento” podermos certificar, embrionariamente, a existência da constelação heteronímica que, em breve, haveria de ganhar corpo (e alma). Não podemos, no entanto, deixar de apontar as semelhanças entre as atmosferas descritas: os estados de alma entre a vigília e o sono, a sensação de diluição corpórea, o sonho/o sono como figuração alienante e como ponto de partida para a descoincidência com o real, ou, ainda, a interpenetração, a mistura das sensações, a fazer lembrar a técnica interseccionista de alguns poemas de Pessoa ele mesmo.

O que, em derradeira instância, parece ter saído deste livro é, afinal, a hipótese de Bernardo Soares cumprir um outro sonho: o de “viver tudo em romance, repousando na vida – ler as [suas] emoções, viver o [seu] desprezo delas”, sabendo que “Para quem tenha as emoções à flor da pele, as aventuras de um protagonista de romance são emoção própria bastante, e mais, pois que são dele e nossas”²⁴.

Boa noite e boa leitura, então, senhor Soares.

Boa noite, Mário Cláudio.

²³ In R. Zenith op. cit.: 452-453.

²⁴ R. Zenith 2003: frag. 348.

Bibliografia

- Almeida, Pedro Dias de (2008), “A escrita é um susto”. Entrevista com Mário Cláudio, in *Visão*, 5 de Junho, 154-156.
- Cláudio, Mário (2005), *Os sonetos italianos de Tiago Veiga*. Porto: Asa.
- Cláudio, Mário (2007), *O Eixo da bússola*. Vila Nova de Famalicão: Edições Quasi.
- Cláudio, Mário (2008), *Boa noite, senhor Soares*. Lisboa: Dom Quixote.
- Greimas, A. J. e COURTÈS, J., (1982), *Semiótica. Diccionario razonado de la Teoria del Lenguaje*. Madrid: Editorial Gredos.
- Lino, Pedro Sena (2005), “Versos de um muito ninguém”. Entrevista com Mário Cláudio, in *Público/Mil Folhas*, 10 de Dezembro, 22-23.
- Lucas, Isabel (2008), “Quem escreve mal pensa mal”. Entrevista com Mário Cláudio, in *Diário de Notícias*, 4 de Junho, 43-44.
- Machado, Álvaro Manuel (2008), “Crónica pessoana”, in *Expresso/Actual*, 16 de Maio, 16.
- Zenith, Richard (ed.) (2003), *Livro do Desassossego*. 4ª ed. Lisboa: Assírio e Alvim.